

UNS OLHOS

Kátia Proust: katia_proust@hotmail.com

Hoje eu acordei e, quando olhei para o espelho, vi olhos que não eram meus. Olhos desconhecidos. Assustado com o inesperado, saí depressa do banheiro e fui para a cozinha fazer um café e, ao olhar através da vidraça da janelinha que dava para a rua, vi, com aqueles olhos neochegados, uma rua que jamais havia visto.

Crianças jogavam bola, andavam de skate, balançavam bandeirinhas multicoloridas. Mães sorridentes brincavam com seus filhos e pais empinavam pipas. Vi flores azuis e cor-de-rosa e vendedores de algodão-doce. Esfreguei os olhos estranhos enquanto voltava para o quarto. Ao abrir o guarda-roupa, vi, penduradas nos cabides, as mais finas e bem-cortadas camisas que existiam. Colarinhos engomados. Com as calças deu-se o mesmo fenômeno. Ao vestir uma delas, notei o perfeito caimento. E os sapatos! Engraxados, brilhantes. Os olhos inexplicáveis percorreram o cômodo todo e se arregalaram.

Os móveis e o tapete, a cortina e as almofadas. Cada objeto emanava frescor, como frutas recém-colhidas. Toquei com cuidado o cisne de louça que ganhara de minha irmã três anos antes e que sempre me parecera brega. Que formas delicadas, perfeitamente arredondadas. Os dois pontinhos pretos pintados no lugar dos olhos, tão sutis e expressivos! A toalhinha de crochê sobre a qual ele repousava, um lindo artesanato circular. O velho urso de pelúcia me sorria, cúmplice. Atordoado, sentei-me na cama e, ao olhar para a colcha ainda amarfanhada, percebi os sinuosos arabescos, o cintilante verde das folhas pintadas no rústico tecido.

Procurando me acalmar, pensei em fixar os extraordinários olhos em algum ponto. Vi meus pés. Os dedos eram teclas de um piano e, ao movê-los, percebi como eram harmoniosos. Eu, que detestava meus pés, que os achava grotescos, descobri-os sublimes. Pus-me em cima deles. Andei pelo quarto, apoiado nos magníficos pés e cheguei à cozinha novamente. O café já estava pronto. Tirei do armário a caneca que tinha o desenho da Torre Eiffel e, girando-a entre as minhas mãos, observei a bela miniatura pintada. Com os olhos formidáveis, analisei a obra do anônimo artista e reconheci seu virtuosismo. Os diminutos traços reproduziam com perfeição a torre real. Não restava

dúvida de que eu tinha em minhas mãos o cartão-postal francês. O café balançou dentro da caneca e, quando acrescentei o açúcar, vi as ondas adensarem-se e fiquei maravilhado com a fusão do branco pó ao líquido negro.

Vestido e penteado, saí. Os excepcionais olhos regozijavam-se com a urbana diversidade. Contemplei o céu nublado e as calçadas e percebi que a neutra cor era necessária onde os vermelhos e os roxos cansariam. O esplendoroso azul de uma manhã só existia em oposição ao recatado cinza. Acenei para o motorista do ônibus escolar que passava sempre àquela hora e buzina para mim e, pela primeira vez, vi também todas as crianças que ele transportava. Dezenas de pares de olhos, e boquinhos, e narizes e covinhas que eu jamais havia me preocupado em ver. Acenei para elas e recebi uma saraivada de acenos de volta. Não vi com os mágicos olhos, mas senti que meu rosto iluminou-se. Continuei caminhando e conforme avançava conhecia novamente a vendedora de doces e o jornaleiro. Seus novos rostos me assombravam e divertiam.

Parei para atravessar a avenida e vi, com os olhos singulares, como ela era larga e plana e como os automóveis que nela passavam preenchiam as suas faixas e enfileiravam-se, surpreendentemente organizados. Cada um era uma parte que formava um todo que, ora comprimia-se, ora distendia-se, num ritmo comandado pela alternância das cores-batutas do maestro semáforo. Já no lado oposto, detive-me ainda um instante para observar a orquestra inteira pondo-se novamente em movimento.

Decidi me sentar na mesinha de um café. Com aqueles olhos diferentes, eu vi um casal na mesa ao lado que sussurrava mutuamente palavras que eu não pude ouvir. Mas vi que eles se tocavam, se abraçavam e que o homem deslizava suas mãos pelos cabelos castanhos e compridos da mulher. Vi o vestido que ela usava, de um tecido leve, de flores miúdas, que o vento movimentava suavemente. Vi as suas sandálias de couro cru, cujas finas tiras abraçavam seus pés brancos e magros, de unhas pintadas de um tom clarinho, parecido com o da areia. Vi as mãos deles se entrelaçarem, metonimicamente representando aqueles dois corpos, aquelas pernas e braços e bocas. Vi que, apesar de eu poder vê-los, tão perto eu estava deles, eles não podiam me ver, tão longe estavam de mim.

Não sei exatamente quanto tempo fiquei ali sentado. Foi quando senti um leve toque em meus ombros e, quando me virei, vi um velho e querido amigo. Levantei-me e

nos abraçamos e ele sentou-se comigo. Que imenso prazer foi olhar para aquele rosto! Mas eu, que estava com aqueles exóticos olhos, notei nele detalhes que jamais havia percebido. Tinha uma pele tão clara, uns olhos tão negros e, enquanto ele me falava da sua vida, de seu filho recém-nascido, da falta de trabalho, enfiava a mão no bolso da camisa, puxava um cigarro lá de dentro, da outra mão surgia misteriosamente um isqueiro e ele fumava, soltando a fumaça longe do meu rosto. Imaginei se ele, que me conhecia tanto, não teria notado nada de estranho em mim. Parecendo adivinhar meu pensamento, ele disse que me achava bastante mudado, mais jovial e perguntou se eu estava “malhando”, o que me fez rir. E ele riu também, esquecido um instante dos problemas. Passamos juntos um bom par de horas e quando ele olhou para o relógio, preocupado, e disse que precisava ir, que estava atrasado para uma entrevista, foi só então que eu me lembrei de que tinha um emprego e uma mesa no fundo de uma sala estava à minha espera.

De novo sozinho, procurei com os olhos o casal da mesa vizinha. Eles permaneciam absortos, concentrados na leitura um do outro e eu invejei neles não mais do que o tempo que tinham. Levantei-me e continuei meu habitual itinerário, indo em direção ao escritório. Como de costume, parei na esquina, na drogaria e, mecanicamente, entrei. O senhor de óculos, que diariamente me atendia, veio imediatamente ao meu encontro, me oferecendo a cestinha amarela. Com os novos olhos, vi naquele sexagenário não só o atendente, mas também o marido, o pai, o avô; o homem que ele era. Estendi minha mão, cumprimentando-o e, embora desconcertado, ele retribuiu o cumprimento e eu pude sentir como eram macias as suas mãos. Então, subitamente, a figura de meu pai surgiu, um marceneiro de mãos rudes, ásperas, que teimavam em deslizar sobre o meu rosto infantil, gesto esse que era seguido por um beijo na testa e um cafuné. Eu sempre reclamava, arredio, e ele jamais havia ralhado ou se magoado comigo.

Olhei para a cestinha e entendi que não precisava de remédio algum, que eu não tinha nenhuma dor, nem mesmo a rotineira enxaqueca. Agradei ao meu novo amigo e retomei a rua. Aquela lembrança de meu pai desencadeara outras lembranças, que estendiam-se à minha frente, como roupas num varal e me vi influenciado por duas forças opostas, sendo que uma movimentava o meu corpo prospectivamente, enquanto a outra

acionava o meu espírito, retrospectivamente. Dessa forma, a cada passo que eu dava para a frente, mais eu me dirigia ao passado.

A conjunção dessas forças antagônicas deu-se a alguns quarteirões dali, mais precisamente em frente ao cemitério em que meu pai havia sido enterrado, cinco anos antes. Eu tinha pisado naquele chão ossívoro apenas uma vez, mas hoje, depositário dos quiméricos olhos, atrevi-me novamente, e entrei. Vi as lápides e li cada nome e descobri alguns rostos antigos, que sabiam somente repetir adeus, adeus. E cheguei naquela em que o nome conhecido estava entalhado e parei. Repentinamente, reconheci o toque das mãos de meu pai em meu rosto maduro, aspirei o aroma de sua colônia de pinho e salivei com a saudade do seu pudim de pão. Porém, misturado ao sabor doce, uma substância salgada me prendia àquela tarde atual, impedindo que eu me desligasse totalmente dela em detrimento das outras, além de marejar os sobrenaturais olhos.

Fiquei ali, de pé, por muito tempo, tanto, que a noite estreou, estrelada, acima de mim e eu, cansado, sentei-me. Depois, deitado, olhei ao redor pela última vez, porque adormeci. Sonhei que despertava e o dia corria normalmente; e os meses; e os anos. E eu morria, cerrando definitivamente os meus adâmicos olhos.